Illustração Portugueza

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias = EDITOR: José Joubert Chaves

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha

Anno	4$800
Semestre	2$400
Trimestre	1$200

Assignatura conjuncta do Seculo, do Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portugueza

PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA

Anno	8$000	Trimestre	2$000
Semestre	4$000	Mez (em Lisboa)	700

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS = Rua Formosa

Summario

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias = EDITOR: José Joubert Chaves

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha
Anno .... 4$800
Semestre .... 2$400
Trimestre .... 1$200

Assignatura conjuncta do Seculo, do Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portugueza
PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA
Anno .... 8$000 | Trimestre .... 2$00
Semestre .... 4$000 | Mez (em Lisboa) 70

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS = Rua Formosa

O "MAQUILLAGE" ATRAVÉS OS SECULOS

1—Angela Pinto, 2—Lucilia Simões, 3—Palmyra Bastos

O *maquillage* na mythologia ◎ Uma deusa que se pintava ◎ Na Grecia, em Roma e no Egypto ◎ A *mascara do marido* ◎ Satyra de Juvenal ◎ A opinião d'um auctor comico romano ◎ No templo dos Pharaós e nas ilhas Marianas ◎ Os anathemas do clero ◎ Santas que se pintavam ◎ As providencias dos bispos ◎ O *maquillage* em França desde Henri de Valois até aos nossos dias ◎ As damas de Veneza e Catharina de Medicis ◎ A opinião de La Bruyère ◎ O famoso Dulac da rua Saint-Honoré ◎ Uma receita singela de madame Cochels ◎ O *maquillage* em Portugal ◎ As côrtes de 1641 ◎ O ouro da India e do Brazil ◎ O seculo XVIII ◎ D. João V ◎ As *preciosas*, as *franças* e as *sécias* ◎ As *moscas* ◎ O *maquillage* de hoje ◎ Os postiços ◎ Uma lei ingleza ◎ O *maquillage* no theatro ◎ *Cabeças* celebres ◎ Actores nossos: Lucilia, Augusta Cordeiro, Adelina Abranches, August Rosa Ferreira da Silva e Brazão Um protesto da Clairon ◎ As razões dos medicos ◎ A sentença de Baudelaire

Venus pintava-se. Assim nol-o affirmam poetas; e não existe, em verdade, razão alguma que nos obrigue a duvidar. Tanto mais que parece provado que ao julgamento de Páris, filho de Priamo, a deusa appareceu escandalosamente maquilhada como qualquer senhora da Grecia... ou de Lisboa. O artificio na *toilette* é, de resto, velho como o mundo. O homem primitivo teve a consciencia da sua imperfeição como obra d'arte, encontrou-se pouco bello e, sentindo d'uma maneira instinctiva, segundo a phrase de Gauthier, que o ornato traça uma linha precisa de demarcação entre elle e o animal, não podendo ainda guarnecer as suas vestes, guarneceu a sua pelle. D'ahi o costume da tatuagem que vem, está provado, d'uma epoca remota que já se não encontra na evocação dos seculos da historia. Venus pintava-se. O exemplo vinha d'alto. E na antiga Grecia, e na antiga Roma, e no primitivo Egypto, o *maquillage* occupou sempre um logar de destaque na *toilette* da mulher. As egypcias possuiam para a tarefa delicada de embellezar o rosto ou extinguir n'elle as ruinas do tempo um arsenal opulento e variado de entre o qual um ou outro objecto curioso se conservou até aos nossos dias. No museu de Boulaq existe um frasco de pó d'antimonio, substancia usada para ennegrecer as palpebras, com a fórma d'um gavião mitrado, servindo a mitra de rolha. Conhecem-se as agulhas d'ebano ou de marfim que serviam para a applicação do collyrio circumdando os olhos, e as caixas com compartimentos, onde se guardava o *branco* que uniformisava a côr da pelle, o *vermelhão* que animava as faces, o *azul* que realçava as veias, o *carmim* que guarnecia os labios e o *henné* que dava ás mãos uma singular transparencia côr de rosa. O livro d'Esther conta-nos o noviciado a que eram sujeitas, antes de entrarem na camara real, as odaliscas de Assuérus: «seis mezes de massagens com oleo de myrrha e outros seis com os aromas e os cosmeticos usados pelas mulheres». Os poetas satyricos de Roma castigam com as suas ironias o uso immoderado dos artificios. Juvenal exclama: «Essa cara empastada, coberta de tantas drogas e onde se agglutinam os labios dos infortunados maridos é um rosto ou uma chaga?» Effectivamente a celebre Poppea Sabina, cortezã e mulher de Nero, pôz em moda uma pomada de seu invento que, estendida sobre o rosto ao deitar da cama, com o fim de o preservar, seccava durante a noite e dava á mulher, pela manhã, a apparencia de ter uma cabeça de gesso, cheia de sulcos e de fendas. Esse ingrediente, que, em homenagem á unica victima dos seus horrores, se denominou *a mascara do marido* e em cuja composição entrava essencialmente o pão dissolvido em leite de burra, desapparecia após demoradas abluções lacteas, deixando na pelle um delicioso aspecto de brilho e de frescura. Propercio descompunha Cynthia, sua amante, pelo uso das drogas, e dizia: «A melhor cara é ainda aquella que nos deu a natureza.» Propercio era um barbaro. Bem como esse outro auctor comico, Alexis, que ousava referir-se a estas cousas consideraveis, do pittoresco modo que vae vêr-se:

O «maquillage» no antigo Egypto: a pintura dos olhos.

Um profissional do «maquillage» no antigo Egypto

«Uma noviça é pequena?—dizia elle—cose-se-lhe no calçado uma espessa palmilha de cortiça. É demasiado alta? dão-se-lhe uns sapatos com as solas finas.

«Não tem ancas? cose-se-lhe uma guarnição de tal fórma que os que a vêem não podem deixar de dizer: — Que bella garupa!

Uma obra-prima de caracterisação
O «maquillage» da japoneza

«Tem um ventre volumoso? por meio das barbas da baleia comprime-se-lhe o ventre para traz.

«Se tem as sobrancelhas ruivas, ennegrecem-se com a fuligem. Tem-nas negras? embranquecem-se com a cerusa. Tem a tez muito branca? colora-se com drogas.

«Se se lhe conhece uma bella dentadura, obriga-se a rir para que mostre como a bocca é linda... Não gosta de se rir? é conserval-a todo o dia em casa com uma hastesinha direita de myrtho entre os labios, maneira efficaz de a fazer mostrar os dentes, quer queira quer não.

O «Maquillage» na Renascença — Dama veneziana descorando ao sol os cabellos
(de uma estampa do fim do seculo XVI)

«Eis como as matronas empregam a sua arte para transformar as noviças.»

Devemos convir em que, no andar dos tempos, o artificio não tem notavelmente progredido. Alexis, hoje em dia, na nossa Lisboa, vistosa e frivola, escrevendo de tal modo, seria um chronista palpitante de actualidade, se apenas houvesse a precaução de substituir as matronas pelo estabelecimento do sr. Godeffroy, do Chiado, e pela Casa dos Espartilhos, da rua do Oiro.

⁂

No tempo dos Pharaós, as mulheres egypcias usavam os cabellos azues, as pestanas verdes e os dentes doirados; nas ilhas Mariannas, as senhoras, ao contrario do que entre nós succede, recorrem a uma certa agua acidulada com o fim de embranquecer os cabellos; em certos paizes do oriente o *maquillage* em negro predomina. Acompanhar assim atravez o mundo e atravez os tempos a evolução do artificio na *toilette* da mulher seria fazer um livro, nunca um artigo que forçosamente ha de ser rapido para caber nas paginas d'uma revista e conquistar a attenção de quem o lê. Tenho assim de passar em claro a lucta tão interessante do clero contra a moda, as lamentações e os anathemas dos padres da egreja a tal respeito que não impedem comtudo que se affirme que algumas virtuosas senhoras, depois canonisadas, recorreram ao artificio mais do que lhes era consentido pelos directores da sua fé. Direi apenas que diversos prelados e entre elles, em 1369, Hugues, bispo de Beziers, prohibiram formalmente o uso de cosmeticos e pomadas aos seus diocesanos.

Só a França, o paiz da moda por excellencia, dar-me-hia no capitulo do artificio, longas paginas, polvilhadas de anecdotas e ditos de espirito, desde os tempos d'esse bizarro *dandy* Henri de Valois «roi de France incertain e de Pologne imaginaire, empereur des collets de sa femme et friseur de ses cheveux» até á democracia flôr-de-lys dos nossos dias. No seculo XVI, segundo a affirmação d'um auctor da epoca, as damas de Veneza maquilhavam-se «desde as solas dos pés ás pontas dos cabellos» e parece que foi effectivamente de Italia que Catharina de Medicis importou para França essa multidão de oleos, pós, perfumes, unguentos e cosmeticos que os seus posteros tão abundantemente utilisaram. Já no tempo de Luiz XIII a duqueza de Montbazon se pintava com escandalo pondo em voga esses habitos de excesso que pouco depois, na epoca do Rei-Sol faziam dizer a La Bruyère:

«Se as mulheres fôssem naturalmente taes como ellas se tornam pelo artificio, se perdessem n'um momento toda a frescura da tez, se tivessem o rosto tão afogueado e tão vidrado como ellas o fazem pelo emprego do carmim e da pintura — seriam inconsolaveis.»

Em todos os periodos de esplendor galante, em que mais alto subiu o culto da mulher, como no seculo XVIII, quando o famoso Dulac da rua Saint-Honoré artistica e precisamente maquilhava as mais gentis figurantes da côrte de Versailles, o artificio teve os seus periodos d'ouro do triumpho. O *carmim rico*, usado então na côrte (porque n'esse tempo havia graduações hierarchicas na propria

Como se polvilhava um peralta do fim do seculo XVIII

O toucador de uma «frança»

coloração de cada face), esse carmim que a etiqueta mandava tornar mais vivo ainda em dias d'apresentação, que repugnava a madame de Province e ao qual, segundo a affirmativa de Voltaire, Maria Leczinska com sacrificio se póde habituar, tinha tal consumo que uma companhia offereceu, em junho de 1780, cinco milhões pelo monopolio da sua venda, n'uma qualidade superior a todas que até então se conheciam. E, passado um anno —

contam os Goncourt, — o cavalleiro d'Elbéa, que avaliava em mais de dois milliões de boiões a venda annual d'esse carmim, pedia que um imposto de vinte e cinco soldos se levantasse sobre cada um, para organisar pensões em favor das esposas e das viuvas pobres d'officiaes. Publicavam se brochuras intituladas *A «toilette» de Venus* e *A «toilette» de Flora* e as senhoras iam ahi devotamente colher a sciencia da belleza como n'uma academia. Só em perfumes, madame de Pompadour gastava quinhentos mil francos no espaço d'um anno.

O dr. Cabanés, n'um dos seus curiosos livros *Les Indiscrétions de l'Histoire*, diz-nos que na bibliotheca da marqueza, favorita de Luiz XV, existia um livro, *Nouveaux memoires pour servir à l'histoire de l'esprit et du cœur*, com um capitulo contendo os «pensamentos diversos» de *mademoiselle* Cochois sobre a arte de embellezar o rosto. E querem os senhores e, sobretudo, as senhoras, saber uma das receitas de *branco* contidas nos «pensamentos» e usada ao tempo, parece que com exito, por muitas damas de qualidade? Diz-se n'um instante:

«Alvaiade, mel, gomma e caracoes esmagados. Misture e mande.»

❁

Em Portugal? Se nas proprias côrtes de 1641 se discutiu, como parece, a necessidade de proscrever as cabelleiras de artificio como attentatorias da velha gravidade lusitana, já os senhores calculam como essa velha gravidade nos impediu por muito tempo de seguir a moda com o escandaloso fervor de lá de fóra. A primeira tentação que a portugueza teve de guarnecer o seu rosto com balsamos preciosos e bordar em oiro a opulencia das suas vestes veiu-lhe, a bem dizer, como deslumbramento das riquezas da India. A segunda chegou com o ouro do Brazil e pilhou-a então em condições de meio de tal modo favoraveis que lhe bastou chegar para vencer. A França tinha o seu seculo XVIII, de suprema elegancia, de supremo luxo, de supremo artificio e nós já n'esse tempo copiavamos a França. Ella tinha o seu Grande Rei, triumphador e dissoluto, nós tinhamos tambem E. João D, que a reveada d'oiro de Santa Cruz engrandecia, construindo Mafra com um fervor de megalomano beato, rezando ladainhas e cultivando amores em Odivellas, o ninho sensual da Madre Paula. D'ahi a evolução da lisboeta — a *preciosa*, a *frança*, a *sécia* — atravessando o seculo de olhos fitos na patria da Pompadour, a copiar-lhe os arrebiques do corpo, já que lhe não era dado apprehender os do espirito. A elegante lisboeta apparece então com os seus penteados inverosimeis, o seu pó de branquear, os seus perfumes perturbantes, o seu decote de escandalo, o seu carmim e as suas *moscas* de tafetá. Eram então em plena moda esses *signaes* de fórma mais ou menos bizarra — umas vezes circulares, outras em meia lua, em coração, em cometa, em estrella e até... em carruagem com cavallos (segundo garante um documento francez da mesma epoca) — e que, pelo contraste do negro na brancura da epiderme, os poetas chamavam «moscas no leite». A moda, que nasceu, ao que parece, da phantasia de certa dama que achou que um empiastro applicado sobre a sua pelle com um fim curativo lhe dava ao rosto um gracioso encanto, não era simples. Os *signaes* baptisavam-se com nomes diversos e tomava differentes significados segundo a posição: havia o *apaixonado* junto ás orbitas, o *beijocador* ao canto da bocca, o *coquette*, *precioso* ou *bregeiro*, junto aos labios, o *assassino*, de fórma redonda, perto do *apaixonado*, o *galante* no meio da face, o *magestoso* sobre a fronte, o *jovial*, o *brincalhão*, o *cruel* e o *tentador*... Havia-os em França, *chez Dulac*, e havia-os tambem em Portugal, guardados, como lá, pelas elegantes em pequeninas caixas preciosas. Na côrte

O toucador de uma grande dama do seculo XVII

de Luiz XV chegaram a usar-se, aos cantos da testa, *moscas* de velludo e até um bello dia uma linda mulher, madame Cazes, appareceu com uma d'essas *moscas* cercada de diamantes.

Ao começar o seculo XIX, entre as angustias de um desolador momento historico, Portugal conservava as recordações da opulencia extincta nos boiões das drogas da pintura, nas caixas de pós e nos por ticos. Quando a nobreza do reino se afadigava nos ultimos preparativos da fuga para o Brazil, conta Oliveira Martins que «as mulheres entrouxavam a roupa e os pós, as banhas, o gesso com que caiavam a cara, o carmim com que pintavam os beiços, as perucas e rabichos, os sapatos e fivelas, toda a frandulagem do vestuario.»

Hoje não ha perucas, nem rabichos, nem pós sobre os cabellos, nem môscas de tafetá em caixas de oiro, mas o *cold-cream*, o carmim, os *crayons* negros e azues, os cosmeticos, a agua oxygenada e os perfumes continuam tendo o logar d'honra no toucador d'uma mulher. O *maquillage* continuará completando essa elegancia de emprestimo toda feita de cintos compressores, seios postiços, ancas, *tournures* e tudo quanto os estabelecimentos preferidos já sem rebuço expõem nas suas taboletas e exhibem sem pudor nas suas montras. A menos que, compenetrado do espirito britannico que parece tentar introduzir-se nas funcções legislativas da nossa terra, algum deputado solteiro se não lembre de, por conveniencia sua e da nação, apresentar em côrtes um projecto de

A decrepitude adornando-se com os atavios da mocidade
(Gravura celebre de Coypel)

Os enfarinhados—Satyra ás cabelleiras de polvilhos
(Gravura comica do seculo XVIII)

As mosqueadas—Satyra á moda dos signaes de taffetá
(Gravura comica do seculo XVIII)

lei semelhante a este outro que, em 1770, o parlamento inglez sanccionou:

«Toda a mulher de qualquer edade, estirpe, profissão ou condição, virgem ou viuva, que a partir da promulgação d'esta lei, enganar, seduzir ou conduzir ao casamento algum subdito de Sua Magestade, com o auxilio de perfumes, cabellos postiços, *crepon d'Espagne* e outros cosmeticos, barbas de baleia, *tournures*, sapatos de tacão alto e ancas postiças, incorrerá nas penas estabelecidas pela lei actualmente em vigor contra a feitiçaria e outras manobras, e o casamento será declarado nullo e sem effeito.»

O quarto de toilette de uma grande dama no seculo XVIII

O *maquillage* na scena, mais intenso que o *maquillage* na sociedade, é considerado indispensavel para corrigir o effeito das luzes do palco e para dar o aspecto physico da personagem. E' uma operação complexa que a continuação do uso facilita. Ha caracterisações perfeitas que ficam celebres na historia dos theatros. O actor inglez Berboon-Tree realisou uma cabeça de Caliban na *Tempestade* que o fez exclamar em frente do espelho, com um gesto de horror:

—Brr!... Deus me livre de me encontrar assim de noite!

Citam-se as cabeças de Antoine no *Poder das Trevas* e no *Rei Lear* e as de Coquelin em alguns dos seus melhores papeis. Nos nossos palcos ha modelos interessantes que não temem confrontos com os lá de fóra: Augusto Rosa no *D. Cesar* e na *Magda*, Lucilia na *Resurreição*, Ferreira da Silva no *Avarento*, no *Lear*, no physico de *El-Rei Seleuco* e no *Morgado de Fafe*, Brazão nos seus papeis de mocidade... Os *maquillages* das nossas primeiras actrizes são sempre perfeitos: Lucilia nos seus papeis de alta comedia, Augusta Cordeiro nas peças de Dumas e Augier, Adelina na encarnação soberba dos typos populares...

Os abusos do artificio no theatro estão comtudo bem longe de merecer a approvação de toda a

A sécia e a camarera

A «Coquette» de Jeaurat

O «maquillage» de uma actriz

II—Essa primeira pintura é polvilhada de pó de arroz e delicadamente avivada com a pata de lebre

I—Depois de humedecer a pelle com vaselina, a actriz espalha com o dedo o carmim pelo rosto

III—Por ultimo, depois de composta a mascara, a actriz pinta as sobrancelhas e as palpebras

gente. O dr. Monin, no seu livro *L'Hygiene de la Beauté*, cita o eloquente protesto da Clairon:

«Este estado ficticio, que não illude ninguem, e contra o qual todas as pessoas de gosto murmuram, engrossa e amarellece os traços, extingue o cerceia os olhos, absorve a physionomia, faz desapparecer a graciosa mobiliadde dos musculos e põe continuamente o que se ouve em contradição com o que se vê. Os movimentos da alma devem-se lêr sobre a physionomia: os musculos que se distendem, as veias que incham, uma pelle que enruborece, provam uma emoção interior sem a qual o grande talento não existe.»

Seja como fôr, o certo é que, emquanto a arte do theatro fôr como hoje comprehendida, o *maquillage* não abandonará nunca o figurante. Nem de resto seria natural que a mulher que se pinta para sahir á rua apparecesse despida de artificio na sua transposição para a luz da ribalta, mais ingrata sem duvida que a luz do sol. E fóra do theatro elle constituirá ainda por muito tempo, se não para todo o sempre, uma parte essencial á *toilette* feminina. Os medicos revoltam-se, gritam os perigos d'esses cosmeticos e pomadas feitos de substancias nocivas pelo veneno. Os moralistas reproduzem velhas razões que só souberam commover, ha mais d'um seculo, os membros venerandos do parlamento inglez. E comtudo as mulheres, sorrindo, inabalaveis, parecem ter de cór as razões que Baudelaire adduziu em defeza da sua causa:

A sciencia ao serviço da belleza—A massagem electrica

«A mulher está bem no seu direito e mesmo cumpre uma especie de dever procurando parecer magica e sobrenatural: é preciso que brilhe, que encante; idolo, deve doirar-se, para ser adorada. Ella deve pois ir buscar a todas as artes os meios de se elevar acima da natureza, para melhor subjugar os corações e impressionar os espiritos.» «Além de que, observou-se — escreveu ainda o lyrico satanico das *Flores do Mal* — que o artificio não embellezava a fealdade e não podia servir senão a belleza.»

PAULO OSORIO.

Um supplicio do «maquillage»: a pintura das pestanas

«Uma tal ousadia!»

«He n? Que diz? O que fez?»

«Ouça...»

«Eu sou condessa, rectifique...»

«Oh! cale-se, senhor, cale-se!»

«E fica-se na mesma!»

«Ai! que recordações!»

«Oh! que aborrecimento!»

«Volte-se para lá, não seja curioso!»

PALMYRA BASTOS NA "VIUVINHA"

O passeio a Villa Franca de Xira, promovido pela imprensa, em honra do jornalista francez Jules Cardane, secretario do *Figaro* [photographia tirada nas propriedades do sr. Palha Blanco]
Jules Cardane, dr. Sebastião Magalhães Lima, madame Soares, madame Cardane, José Palha Blanco, Mendonça e Costa, Ferreira Mendes e Julio de Mascarenhas

[CLICHÉ BENOLIEL.]

O antigo Monserrate, desenhado pela poetisa Paulina Flangergues

BECKORD EM CINTRA

I

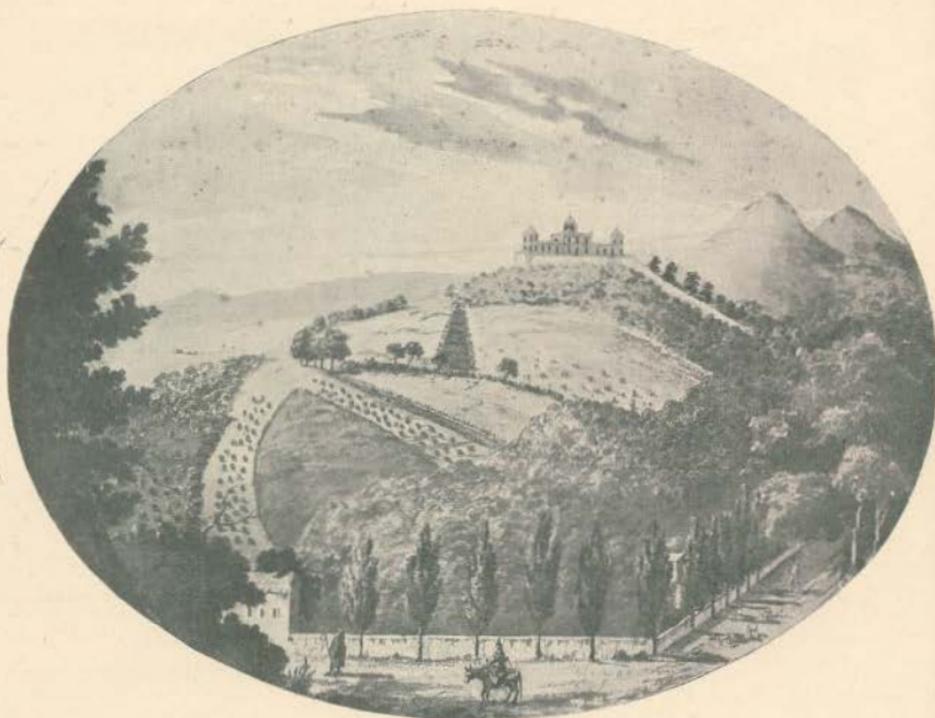
O VERÃO DE 1787 EM CINTRA

(CONTINUADO DO N.º 36)

Depois a suprema honra d'aquelle jantar a que Marialva fôra pela primeira vez convidado na sua vida e a que nenhum fidalgo assistiu jámais e em que o amphitrião, o omnipotente prelado, «está embrulhado em um velho casacão côr de castanha, rôto e mal remendado», a alegria do inquisidor-mór depois de copiosas libações com vinhos soberbos da Companhia do Alto Douro que então sollicitava a renovação do privilegio pombalino, as frescas historias do leigo cozinheiro e criado de meza, o jubilo do marquez por se encontrar ali e finalmente a abalada subita dos dois para o passeio de Sua Magestade e a partida de Beckford por uma especie de postigo por onde o frade lhe deu «sahida com a mesma semceremonia com que teria soltado um ganso para o cevadouro», são trechos admiraveis da vida faustosa e reles, brilhante e sordida da decadente sociedade portugueza dos fins do seculo XVIII onde a etiqueta, a intriga e a grosseria viviam como irmãs, n'uma existencia sem elevação, sem criterio e sem arte.

A par d'estes episodios anecdoticos vem o quadro de Watteau ou de Fragonard tocado a côres de rosas esmaecidas, com mulheres frageis como flôres esparsas em paizagens de convenção. Assim a narração do que elle viu escondido n'um *boudoir* quando a Rainha foi merendar no magnifico pavilhão de Seteaes, que ainda então não tinha o vasto Terreiro, nem o corpo d'edificio do lado de Cintra, nem o arco ligando os dois. Tudo isso foi construido mais tarde, para commemorar uma visita de el-rei D. João VI e da rainha D. Carlota Joaquina. Assim ainda esta scena nocturna verdadeiramente paradisiaca, que não resistimos a copiar apezar d'extensa, e onde o romantismo, acabado então de surgir, perpassa, como as vozes musicaes, invocadas adiante, atravessam a descripção inebriante: «Não corria uma aragem; sentia-se o ar embalsamado de aromas, e a transparencia do céu era tal, que não consentiu que permanecessemos debaixo d'outro docel... Passava das dez, quando recolhemos para o palacio do Marialva, e, muito antes de lá chegarmos, ouvimos os sons plangentes de vozes e instrumentos de vento, que sahiam d'entre a espessura da matta. A marqueza, D. Henriqueta, e um numeroso grupo de criadas, muitas das quaes assaz engraçadas, estavam sentadas na borda do lago principal, attentas de alma e coração ao ensaio d'uma deliciosa musica, com que tencionam dar uma serenata a Sua Magestade d'aqui a poucos dias. A noite de hontem era uma d'essas noites serenas e geniaes, em que a musica adquire um dobrado encanto, e abre o coração a ternas, embora melancolicas impressões. Não bulia uma folha, nem uma aragem sequer agitava a clara chamma das velas, que tinham collocado ao pé das fontes, e que serviam sómente para as tornar visiveis. A agua, correndo nas regueiras para a rega dos limoeiros, deixava ouvir o seu intercortado murmurio e, nas pausas do concerto, nenhum outro rumor se percebia senão o de algum timido segredar. A magia da noite, da musica e do mysterio, tudo concorreu para mergulhar a minha alma n'uma especie de extasis, de que não despertei sem dolorosa relutancia.»

E ainda o bucolico e rustico encontro de Beckford, no valle de Collares, com a camponeza cantando e conduzindo um burro carregado de uvas sob o céu azul ferrete, illuminado cruamente pelo sol do meio dia!

E mais, e mais!... Que Cintra esse artista nos dá nas suas cartas! E como ellas nos trouxeram longe do caso restricto que pretendemos elucidar, qual é a historia de Monserrate, que todos se empenham em dar como moradia de Beckford, quando o certo é que elle viveu sómente no Ramalhão, conforme procuraremos demonstrar nos restantes dois capitulos do presente estudo.

Monserrate visto da estrada da quinta do duque de Cadaval [segundo uma gravura ingleza, colorida, de 1793, publicada com permissão do duque de Northumberland]

II

BECKFORD E MONSERRATE

Beckford não esteve nem viveu em Monserrate — Historia de Monserrate desde 1540 até aos srs. Cook — O vice-rei da India Caetano de Mello e Castro funda o vinculo de Monserrate — A sua descendencia — El-rei D. Fernando namorando Monserrate — O primeiro barão de Porto Covo da Bandeira arrendando esta propriedade como procurador de D. Francisca Xavier Marianna de Mello e Castro a Gerardo Devisme — Quem era Devisme? — O seu palacio de Bemfica — O palacio que edificou e os jardins que riscou em Monserrate

É do Ramalhão que Beckford nos atira o regalo de suas cartas. Todas as que foram escriptas em Cintra são datadas d'ali. E — facto curioso — no Ramalhão ninguem vê Beckford, empenhando-se todos em invocal-o na quinta de Monserrate, onde, talvez, nunca tivesse estado.

E vamos dizer porquê, historiando as grandezas e decadencias d'esse magico sitio ao qual — parece-nos que sem razão — anda ligado intimamente o nome do famoso inglez.

Em 1540 a collina onde estava uma ermida dedicada a Nossa Senhora de Monserrate, mandada construir pelo clerigo Gaspar Preto, que mandou vir de Roma a imagem votiva em alabastro, e os terrenos adjacentes pertenciam ao hospital de Todos os Santos, que existia no Rocio de Lisboa. No principio do seculo XVII o hospital aforou esta propriedade a um fidalgo da familia Mello e Castro, que mais tarde a adquiriu. No principio do seculo XVIII a quinta de Monserrate entrava n'um morgado instituido em 1718 por Caetano de Mello e Castro, filho de Antonio de Mello e Castro (da casa Galveias) e de D. Anna de Castro, casado com D. Marianna Joanna de Faro, filha mais velha dos condes da Ilha do Principe e dama de honor da rainha D. Maria Anna d'Austria.

Caetano de Mello e Castro foi commendador de Christo, governador de Sena e Pernambuco e vice-rei da India, mencionando a Historia que «governára a India com prudencia e reputação das armas portuguezas».

Os restos mortaes do instituidor d'este extincto vinculo — o mais recente da casa do sr. conde de Nova Gôa, d'entre os que herdou de seus maiores e o unico de que foi desapossado na sua menoridade [1] — Caetano de Mello e Castro jazem na capella-mór do convento de Sant'Anna, dos religiosos carmelitas de Collares, propriedade hoje pertencente ao antigo presidente do conselho de ministros e digno par do reino sr. José Dias Ferreira.

Tendo fallecido sem descendencia seu filho primogenito Antonio José de Mello e Castro sob as ruinas do palacio ás Chagas, por occasião do grande terremoto do anno de 1755, passou a successão d'este vinculo ao filho segundo Francisco de Mello e Castro, que prestou assignalados serviços nas guerras do norte da India, onde foi ferido e aleijado da mão esquerda. Exerceu os cargos de mestre de campo de infantaria com o governo da praça de Rachol e depois de general de Rios de Sena, onde morreu.

(1) Os vinculos dos Pimenteis (1375), do mestre João das Leis (1424), de Moura e Vidigueira (1428), de D. Izabel de Goes (1548) e do Bizelga (1591) e as capellas instituidas em 1365, 1543 e 1584 são todos anteriores ao de Monserrate, que vem de 1718. Encarada exclusivamente sob o ponto de vista administrativo, a alienação d'esta quinta na menoridade do sr. conde de Nova Gôa foi um acto de tutoria tão recommendavel quanto condemnavel sob o aspecto artistico e tradicional.

O sudoeste de Monserrate no tempo do huguenote Devisme. [segundo uma gravura ingleza, colorida, de 1798, publicada com permissão do duque de Northumberland]

Sua filha unica D. Francisca Xavier Marianna de Faro Mello e Castro, successora do vinculo e serviços de seu pae e de seu avô paterno, casou com D. Lopo José de Almeida, capitão de mar e guerra, intendente geral da marinha do Estado da India, ajudante do campo do vice-rei da India na campanha contra o rei de Sunda e administrador do morgado intitulado dos Pimenteis, instituido no anno de 1375 em Torres Novas por D. João Roiz Pimentel e Estevainha Gonçalves Pereira, irmã do condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

D. Anna Rita Maria Josepha de Almeida Pimentel, filha unica dos precedentes senhores de Monserrate e successora dos vinculos de seus paes, casou com D. Francisco Xavier de Castro de Siqueira e Abreu, administrador dos morgados instituidos nas villas de Moura, Vidigueira e Thomar (Bizelga) nos annos de 1428 e 1591 por D. Nuno Fernandes de Siqueira [1], filho do mestre de Aviz D. Fernão Rodrigues de Siqueira que succedeu a el-rei D. João I n'aquelle mestrado e foi regente do reino durante a ausencia de el-rei na jornada de Ceuta, e por Antonio de Abreu de Sousa, capitão-mór das naus da India.

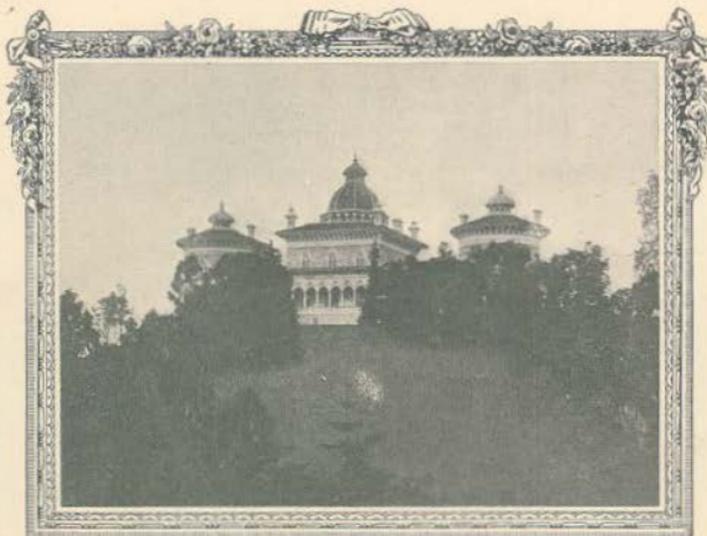
D'este matrimonio nasceu D. José Maria de Castro e Almeida Pimentel de Siqueira e Abreu de quem é filho o actual sr. conde de Nova Gôa, D. Luiz Caetano de Castro e Almeida Pimentel de Siqueira e Abreu, na menoridade do qual, em 1856, sua mãe D. Veridiana Constança Leite de Sousa, viuva e tutora de seus filhos, com auctorisação do conselho de familia, fez o contracto de subrogação, em inscripções, da referida quinta de Monserrate, ao abastado capitalista e negociante inglez Francis Cook, pae do actual proprietario Frederico Cook, 2.º visconde de Monserrate, que logo trouxe de Inglaterra o mestre d'obras Bermett e o jardineiro Burt, que puzeram o palacio e o parque no estado em que hoje os admiramos.

El-rei o Senhor D. Fernando cubiçou longamente a formosa propriedade, chegando a projectar uma estrada de ligação pela serra entre a Pena e Monserrate. Não chegou porém nunca ao preço que lhe era pedido.

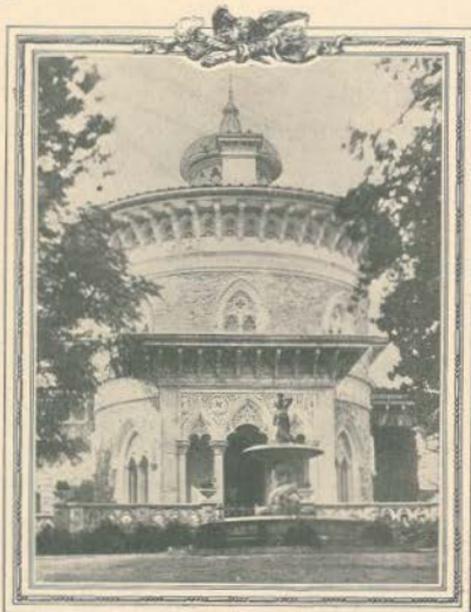
Esta bella vivenda tinha sido arrendada por nove annos em 1790 pela então administradora do vinculo D. Francisca Xavier Marianna de Faro Mello e Castro, representada pelo seu procurador em Portugal, Jacintho Fernandes Bandeira, que foi o primeiro barão de Porto Covo da Bandeira do qual é quarto descendente o actual sr. conde do mesmo nome, ao negociante inglez de pau do Brazil Gerardo Devisme ou de Wisme, huguenote refugiado em Portugal e então muito conhecido em Lisboa.

Damos em seguida, por ser de curiosa traça, um excerpto da escriptura de arrendamento da quinta de Monserrate a este subdito britannico tal qual se encontra no tombo de nossa casa: «... e por elle Jacintho Fernandes Bandeira foi dito na mi-

(1) Como se vê, a varonia Castro da familia á qual pertenceu Monserrate, não é a dos Mello e Castro instituidores do vinculo. A varonia Castro que o sr. conde de Nova Gôa representa foi levada á India por D. Filippe de Castro em 1550 e lá se continuou, sem mescla, até ao regresso ao reino do actual representante em 1855. Este D. Filippe de Castro tem por quinto avô a D. Alvaro de Castro, alcaide mór do Torrão e Sabugal, neto de D. Fernando de Castro, conde de Trastamara, Lemos e Sarria, que serviu a El-Rei D. Fernando I de 1369 a 1371 durante a primeira guerra com D. Henrique II de Castella. O conde de Trastamara pertencia a uma das mais antigas e illustres casas de Hespanha, tão illustre, que mereceu ser considerada um dos cinco solares de Castella.

nha presença e das testemunhas ao deante nomeadas: Que estando a dita Preclarissima Donna Francisca Xavier Mariana de Faro sua Constituinte de posse de huma quinta denominada de Monserrate, no termo de Villa de Cintra, como actual e legitima Administradora do vincullo instituhido por Caetano de Mello e Castro a que pertence a mesma Quinta; e devendo elle Jacintho Fernandes Bandeira como Procurador Geral de sobredita Administradora n'este reyno não só arrendar utilmente a mesma Quinta, mas tambem promover a utilidade, conservação e augmento d'este predio quanto por Direito na qualidade de Administradora era obrigada a fazelo a dita sua Constituintie a quem elle pelos amplos poderes da referida Procuração inteiramente representava em termos taes não devia perder a importante ocasião que se lhe offerecia de hum vantajoso melhoramento para o mesmo Predio e seus administradores, dando-se este de renda ao sobredito Gerardo Devisme que sendo hum dos mais solidos Negociantes d'esta Praça caracterisado de conhecida probidade, e de hum genio particular para a Agricultura; pertendia não só arrendar a dita Quinta largo tempo por ser aquelle sitio o mais remoto, o mais similhante aos ares da sua Patria, e por isso o mais conveniente para a sua saude e para descançar das fadigas do seu commercio, mas tãbem pertendia restabelecer a mesma Quinta augmentando seus Pomares, e dando-lhe o beneficio de que careciâo, reedificando a seu arbitrio as casas da mesma Quinta, as quaes pelo estrago do Terramoto do primeiro de Novembro de mil settecentos cincoenta e cinco, padecerão ruina tal que as tem feito quasi inhabitaveis e ultimamente fazendo as mais oficinas de que precisa uma habitação decente...»[1]

O palacio de Monserrate, tal como é actualmente

Esse Devisme, homem rico e de bom gosto, foi quem mandou construir para sua residencia, pelo risco e sob a direcção do architecto Ignacio de Oliveira Bernardes,—discipulo em Roma, onde esteve pensionado por el-rei D. João V, de Benedicto Lutti e depois de Paulo Methei,—o palacio de S. Domingos de Bemfica, que foi depois do marquez de Abrantes e pelos herdeiros vendido em 1844 á serenissima senhora infanta D. Isabel Maria, sendo hoje pertencente á sr.ª D. Thereza de Saldanha, que n'elle installou um collegio religioso para educação de meninas.

Feito o arrendamento de Monserrate, deu começo Devisme a importantes obras, demolindo a casa antiga que a nos-

A entrada do palacio de Monserrate

[1] Cartorio do sr. conde de Nova Gôa — *Francisco Mello e Castro* — Pasta n.º 1 — Maço 1 — N.º 2—Cintra—Quinta de Monserrate—1790—10 de julho —Certidão da escriptura do arrendamento da dita Quinta, feito por Jacintho Fernandes Bandeira, como procurador de D. Francisca Xavier Mariana de Faro Mello e Castro, administradora d'este morgado, a Gerardo de Wisme por tempo de 9 annos com principio no 1.º de julho de 1790 a findar no ultimo de junho de 1798, pagando de renda cada anno réis 400$000 e obrigando-se o arrendatario a fazer varias bemfeitorias nas casas e officinas pertencentes á mesma Quinta, as quaes desfructará elle rendeiro ou seus herdeiros durante os referidos 9 annos; compromettendo-se o supradito procurador Bandeira a prorogar-lhe o dito arrendamento por outros 9 annos, etc.

sa gravura representa, copiada d'um ingenuo alçado do tempo, que figura entre os documentos da casa do sr. conde de Nova Gôa. Construiu seguidamente novo e vasto edificio, rodeando-o de jardins conforme indicam as gravuras, copias de estampas do tempo e de uma lithographia, devida esta ultima a Paulina Flangergues, a poetisa do livro *Au bord du Tage*, de quem Gomes de Amorim, na sua obra sobre Garrett, escreve: «Todo o estrangeiro que conhecer bem a nossa lingua para poder apreciar as suas obras primas, se lembrará sem duvida da bellissima estrophe de Paulina de Flaugergues, traduzida por J. M. do Amaral, a respeito de Camões e Garrett:

A egreja do convento do Carmo em Cintra

«Astros do mesmo ceu, são vossas harpas
Faroes eternos que dão brilho á patria
Taes fulguram no Olympo esses, dos gemeos,
Fabuladas estrellas
Co'as mesmas palmas enramaes as frontes,
Reinaes no mesmo altar, co'o mesmo culto!»

Devisme retirou para Londres, abandonando Monserrate, dizem uns que por motivo de saude, outros que por desgostos soffridos, morrendo ali em 1798.

Quatro annos antes do seu passamento, isto é, em 1794, sub-arrendou Monserrate a um Beckford, que todos quantos teem escripto ácêrca d'esta linda quinta, affirmam sem hesitação ter sido o nosso William, mas que certa passagem de um documento do tombo da nossa casa põe em duvida, se não o nega por completo, chamando-lhe Beckford Luis de Boy e dando-o por socio e procurador de Devisme.

Vista panoramica de Monserrate

Um documento do cartorio do sr. D. Luiz Caetano de Castro e Almeida Pimentel de Siqueira e Abreu, conde de Nova Gôa, negando a passagem de William Beckford p r Monserrate — De Byron a Vilhena Barbosa — O que Devisme fez em Monserrate é falsamente attribuido a Beckford — As festas de Beckford foram dadas no Ramalhão — A obra litteraria de Beckford — Uma estancia de Byron que erru o alvo — A derrocada de Monserrate até 1856 — Uma pedra d'escandalo

Reproduzimos esse escripto pela photogravura e interpretamol-o na parte que mais interessa para elucidação do caso.

E' uma copia da escriptura de posse dada a Francisco José de Oliveira das bemfeitorias impostas nas casas e terras pertencentes á quinta de Monserrate (1): «.... extrahida do Processo aos oito de Agosto de mil setecentos noventa e oito, de huns auttos civeis de requerimento de Francisco José de Oliveira em que pedia se lhe paçasse Carta de ratificação de posse dos bens declarados lavrando-se os auttos necessarios que serão depois intimados por notificaçoens aos Procuradores do Arrendatario Beckford Luis de Boy Socio e Procurador do Falecido...»

Esta egualdade de nome originaria a lenda, por todos acceite — até por Byron — de que fôra William o Beckford de Monserrate?

Nem Pinho Leal, nem Vilhena Barbosa, nem Juromenha, nem Oliveira Travassos, nem o sr. Brito Aranha, nem o sr. conde de Sabugosa, o fino commentador d'*O*

[1] Cartorio do sr. conde de Nova Gôa — *Vinculo Mello e Castro* — Pasta n.º 1 — Maço n.º 1 — N.º 2 — Cintra — Quinta de Monserrate — 1798 — 14 de abril — Escriptura de posse dada a Francisco José de Oliveira das bemfeitorias feitas na dita Quinta, por isso que tendo fallecido em Londres o referido Wisme, dispôz a favor dos filhos menores do dito F. J. d'Oliveira das mesmas bemfeitorias.

Um interessante documento para a historia de Monserrate

Paço de Cintra, nem o sr. Antonio A. R. da Cunha, conspicuo annotador da nova edição da *Cintra Pinturesca*, nenhum nos diz onde foi buscar a affirmação da brilhante passagem de William Beckford por Monserrate.

Evidentemente uns se inspiraram dos outros e o primeiro ouviu-o dizer. A lenda fixou-se, uma lenda com grandes visos de exactidão, por motivo da identidade do nome dos dois: o celebre sem Monserrate e o ignorado com Monserrate.

Nas suas celebres cartas, referindo-se enthusiasticamente a Cintra e a Collares, citando quintas, palacios e casas, William não tem uma palavra sequer para Monserrate e n'ellas mui positivamente declara, como vimos, que vive no Ramalhão, habitando «uma *villa*, na encosta dos rochedos pyramidaes de Cintra, que o sr. S. Arriaga teve a amabilidade de me emprestar ..»

Além d'isso vindo a Portugal, de passagem, no decurso das suas viagens pela Europa, a colher impressões sobre a natureza e a sociedade ou em missão do seu governo para espionar a politica e a côrte, sendo possuidor d'uma avantajada fortuna, filho d'um lord mayor, andando aqui na privança dos maiores fidalgos do seu tempo, não era certamente *socio* e muito menos *procurador* d'um negociante inglez da cathegoria dos hollandezes e britannicos que elle tanto ironisa nas suas cartas, apesar de lhes gosar as festas e parece que algumas das esposas.

Gerardo Devisme arrendou a quinta em 1790, William Beckford sahiu de Portugal em 1787. Evidentemente da primeira vez que esteve aqui não viveu em Monserrate. Mas elle voltou uma segunda vez.

D. José Maria de Castro e Almeida Pimentel S. queira e Abreu, o ultimo possuidor do vinculo de Monserrate

Em 1794 torna a viajar nas terras d'este reino, fugido de Inglaterra por se achar envolvido n'um processo criminal, e a coincidencia d'esta data com a do sub-arrendamento de Monserrate é porventura favoravel á lenda, mas pode tambem ser filha de mero acaso.

No que escreveu então ácêrca do nosso paiz e consta das *Recordações d'uma excursão a Alcobaça e Batalha*, não se descobre uma referencia só a Monserrate, o que decerto é para estranhar n'um homem de penna facil e que d'aquella residencia fizera «um verdadeiro paraiso» como diz Vilhena Barbosa.

E tendo elle vivido ainda tantos annos, pois morreu em 1844, mais estranho é que não voltasse a escrever da sua amada Cintra e da quinta e do palacio que elle embellezára com «as galas, a elegancia e conchego que só a opulencia e um gosto aprimorado sabem e podem produzir, dando realce e animação a tudo isso com os encantos da mais alegre e espirituosa convivencia, entretida pelo condão da hospitalidade franca, benevolente e graciosa», elle que tão minuciosamente descreveu a *villa* do Arriaga, no Ramalhão, e ali faz mover com tanta arte e vida a sociedade que a frequentava. Ora, certamente, seria ella menos numerosa, luzida e pittoresca do que a que acudiria ávida ás hypotheticas festas deslumbrantes que elle daria em Monserrate, fornecendo-lhe elementos para exercicio da sua palheta magica de pintor delicioso e da sua ironia de critico sorridente mas implacavel.

D. Veridiana Constança Leite de Sousa e Noronha, das casas de Veiro e Tavarede, viuva de D. José Maria de Castro

(Continúa)

D. Luiz de Castro.

AS MODAS D'ESTE INVERNO

Modelo da casa Bechoff-David destinado especialmente á ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Vestido de interior, em crépe da China azul pallidoe inteiramente bordado

(CLICHÉ FÉLIX)

AS MODAS D'ESTE INVERNO

Modelo da casa Béchoff-David destinado especialmente á ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Vestido de recepção em tulle bordado e guarnecido a fitas de setim

(CLICHÉ FÉLIX)

(CONTINUADO DOS N.os 32 E 34)

Carlos Fuzzeta — *Regenerador-liberal*

Julio Andrade — *Regenerador-liberal*

João Augusto Vieira de Araujo — *Regenerador-liberal*

Fernando de Carvalho M. d'Almeida — *Regenerador-liberal*

Antonio Mendes d'Almeida — *Regenerador liberal*

(Continúa).

ASPECTOS PARLAMENTARES — A CHEGADA A S. BENTO

Os srs. José Oliveira Soares, Mello e Sousa e Luiz José Dias—O sr. dr. Alexandre Braga—O sr. general Baracho, par do reino; —Os srs. conde de Sabugosa e D. João d'Alarcão, pares do reino, e o sr. D. Thomaz de Mello Breyner, deputado

O Jardim Zoologico de Lisboa

AS GRANDES COLLECÇÕES ZOOLOGICAS

Como o povo portuguez teve sempre predilecção pelos animaes amestrados ◎ Os ursos, corvos e papagaios ◎ As féras nos antigos paços reaes ◎ O leão da Estrella e a collecção Van der Laan ◎ Os inicios do Jardim em S. Sebastião da Pedreira ◎ O parque de Palhavã e a quinta das Laranjeiras ◎ Como se salvou o Jardim Zoologico ◎ Alguns exemplares curiosos da sua collecção.

Não desmente ainda hoje na antiga raça de navegadores e viajantes, n'este bello povo que explorou e avassallou regiões até então desconhecidas do globo, o gosto apaixonado pelos exemplares das faunas exoticas, pelos animaes de toda a ordem e procedencia!

É facil verificar esta predilecção. Não só em todos os tempos as féras amestradas provocaram o enlevo e pasmaceira das multidões, quer perante o urso que o cigano traz de feira em feira, quer perante as matilhas de cães sabios, encanto do rapazio das ruas e das praças, quer ainda nos circos ante os leões, os elephantes, as phocas, as cobras e serpentes, os macacos, cães ou gatos e até as pulgas amestradas por pacientes ensinadores. Além de toda esta paixão por tão singulares e attrahentes espectaculos, a tendencia do povo conhece-se porém pela necessidade familiar, que se observa em quasi todas as casas, especialmente nas povoações da beira-mar, de possuir e manter com especial carinho o papagaio falante, o macaco, e qualquer outro animal trazido de remotas paragens por mão amiga ou mercenaria.

«José Vicente»—Hamadryas (*Cynocephalus hamadryas*)

Dos tempos idos, em que nas brenhas do velho Portugal ullulavam as feras, os lobos e os javardos (que inda ao presente infestam algumas regiões, refugiando-se nos ultimos baluartes dos mattagaes e dos montes) se conta nos veiu o gosto de ter estes perigosos animaes enjaulados. Ainda hoje conhecemos o lobo cerval no Gerez e na Serra da Estrella, e os javalis em Ferreira do Zezere e Constancia, tão bem como Damião de Goes nos diz ter visto numerosos veados pela Serra de Cintra. Até o urso, de cuja existencia nos ficou memoria em algumas denominações locaes, como na capella de Santo Antonio da Ussa, atacava o habitante, mesmo á beira de Lisboa. N'uma das suas excursões venatorias D. Diniz, acossado por um d'elles, matou-o a punhal, salvando miraculosamente a vida. O rei medievo quiz então ter no seu paço de Friellas, aprisionado, um grande urso, que adrede lhe apanharam a laço. Era o recreio da côrte; depois accrescentaram-lhe n'outra jaula abobadada dos baixos do palacio um corpulento lobo.

Para exterminar os lobos houve até no reino um corpo de matadores—*lobeiros*, dextros na arte de laçar as féras nas coutadas reaes.

As batidas successivas e constantes foram exterminando estas especies indigenas.

A conquista do norte de Africa, e as viagens costeiras ao longo do *continente negro* trouxeram o ensejo de serem vistas no paiz as curiosas féras d'aquellas paragens. Teve-as D. João I no seu paço d'Alcaçova, nas celebres *leoneiras*, de que o erudito e incançavel investigador sr. dr. Sousa Viterbo nos deu pormenores documentados. Custeavam-as os perseguidos judeus da capital.

Depois vieram as faunas orientaes.

D. Manuel converteu os baixos dos paços da Ribeira em verdadeira galeria de feras; havia ali o rhinoceronte, o elephante, os antilopes, as gazellas, as onças, que lhe traziam os navegadores e capitães da India nas suas naus e galeões. Damião de Goes conta-nos o espectaculo unico de um combate preparado no Terreiro entre o grande *aliphão* e o rhinoceronte pesado e forte.

As embaixadas ao papa e aos soberanos extrangeiros levavam como presentes de inestimavel valor alguns d'estes

A GAIOLA DAS AVES DE RÁPINA

Grypho (*Gyps fulons*)– Hombi ou aguia bateleira (*Leucokarsus ecandacius*)–Pica-osso (*Yultur monachus*)

animaes, desconhecidos no centro da Europa. Ficaram celebres o elephante de Ceylão da embaixada de Tristão da Cunha a Leão X em 1524, o cavallo persa, e o rhinoceronte que Francisco I de França, cheio de curiosidade, quiz vêr em Marselha, e que, por morrer afogado no naufragio da nau que o conduzia, foi empalhado e assim offerecido ao pontifice.

Hyena malhada (*Hyaena crocuta*)

Na quinta real da Serra da Athouguia creavam-se pavões; pelas galerias e salas do paço de Cintra passeavam empoados os cysnes brancos enviados de França á filha de D. João I, depois duqueza de Borgonha, e n'um pateo da Sé de Lisboa manteem-se ainda hoje os tradicionaes corvos, em memoria da lenda de S. Vicente.

Tambem na restauração brigantina D. João IV teve um leão, na Ribeira, no *pateo do leão*, onde depois D. Affonso VI, demente, além da lucta que provocou entre a féra e um touro, se divertia a atirar a lobos, raposas e texugos.

D. João V, faustoso e amador, ordenou as grandes collecções de aves em viveiros, e as de féras no *pateo dos bichos* em Belem, como depois D. Pedro III manteve em Queluz, nas jaulas sob o palacio, as féras dos sertões africanos. Assim como em Belem estivera o elephante que serviu de modelo a Machado de Castro, assim em Queluz se criaram custosamente duas zebrinhas do Congo, com as quaes pretendiam puxar o carrinho dos principes, netos da rainha D. Maria I.

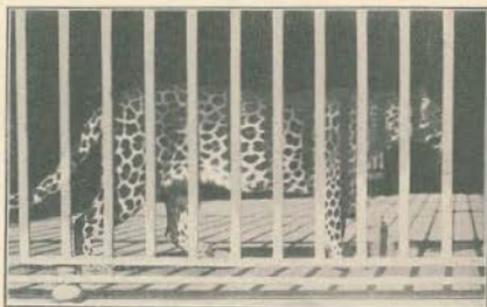
Debalde porém tentaram vestir-lhes riquissimos arreios de marroquim verde, com ferragens magnificas; as zebras nunca os consentiram.

Mais recentemente havia na fabrica da Vista Alegre uns camelos, que depois figuraram com grande exito no theatro; o conde de Farrobo teve na sua quinta das Laranjeiras tigres, leopardos e leões, um dos quaes haviam estupidamente cegado, e brincava com uma bola, esbarrando contra as grades da jaula onde o mantinham; no jardim da Estrella viveu alguns annos o formoso leão trazido pelo africanista Paiva Raposo, e no Porto no jardim do Palacio de Crystal formou-se uma collecção de feras, entre as quaes se contavam um leopardo e uma leôa de Benguella.

Lobos (*Lupus vulgaris*)

Desde 1863 que a imprensa divulgou o intuito de el-rei D. Luiz de fundar na Tapada d'Ajuda um Jardim Zoologico. Estava porém reservada essa iniciativa ao medico oculista Van der Laan, apaixonado amador de collecções de animaes vivos e que já possuia na sua casa, a Santa Isabel, junto á rua do Cabo, um valioso *aviario*, analogo ao que no Porto havia estabelecido Arthur Teixeira Pinto Basto.

Formada uma commissão iniciadora, de medicos illustres, como os drs. Antonio Maria Barbosa, Sousa Martins, Barbosa du Bocage, Manuel Bento de Sousa e May Figueira, a quem depois se reuniram outros elementos prestimosos, entre os quaes se deve mencionar o barão de Kessler e o rei D. Fernando, fundou-se a *Sociedade do Jardim Zoologico e de acclimação em Portugal*, com um capital de 60 contos de réis em acções, ficando a cidade de Lisboa dotada com um estabelecimento scientifico, como os que se encontram nas grandes cidades européas, em Paris, Hamburgo, Londres, Anvers, etc.

Correspondeu o povo amante das curiosidades zoologicas ao appello de Van der Laan, o mais activo e dedicado

A leoparda *Sultana* (*Felis pardus*)

propugnador da fundação do Jardim, e aos esforços dos seus companheiros da nova cruzada. Cobriu-se a subscripção da 1.ª serie de acções; da senhora D. Maria das Dôres Pinto e de seu marido João Antonio Pinto, donos do principesco parque plantado a S. Sebastião da Pedreira, fóra das portas da cidade, pelo opulento José Maria Eugenio de Almeida, recebeu-se o offerecimento d'aquelle bello logar para a installação do Jardim.

Acceite com alvoroço a generosa offerta, construiram-se logo cincoenta e tantas edificações adequadas na vasta e formosissima quinta; alojaram-se ali as preciosas collecções e exemplares doados pelos reis D. Luiz e D. Fernando, por Sousa Martins, Van der Laan e muitos outros; alugaram-se terrenos e hortas a norte do parque, ficando ao todo uma area de 15 hectares povoada pelas interessantes especies que formaram logo a principio um nucleo de 1127 exemplares, representativos de 205 especies e 73 variedades.

Abriu o parque de S. Sebastião no dia 28 de maio de 1884. Foi um acontecimento na cidade, que affluiu em peso á inauguração do seu

Jardim Zoologico. Não obstaram á concorrencia, que persistiu nos primeiros dois annos, as difficuldades de transporte. Não havia então linha americana para aquelle sitio, e a população lá ia pela ingreme calçada de S. Sebastião da Pedreira, em formigueiro immenso, ou nos carros volantes da companhia, e nos *Ripperts*, que a esse tempo gosavam a sympathia popular.

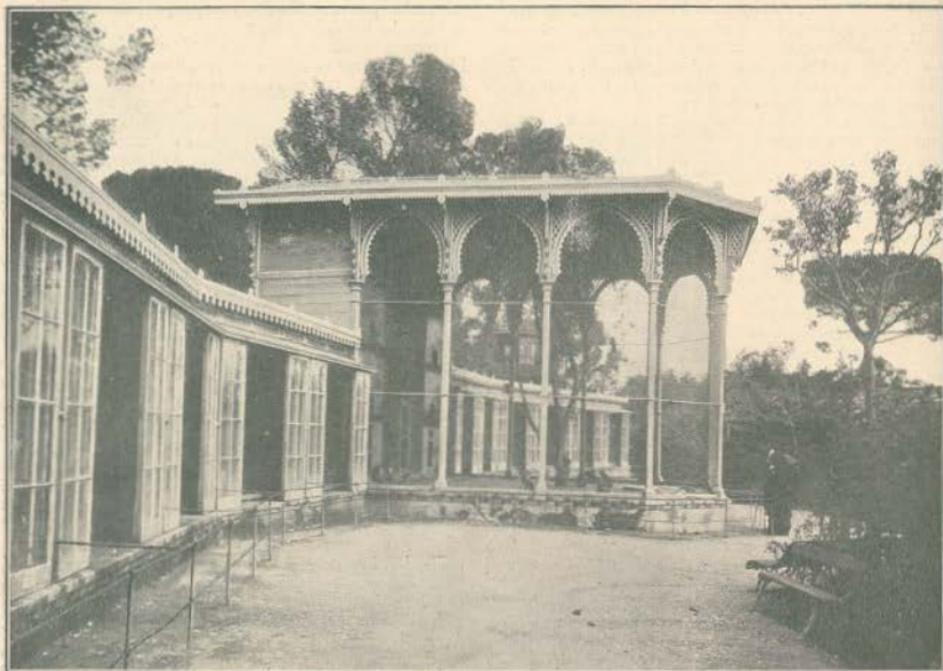
O Jardim tornou-se aos domingos o ponto de reunião predilecto do povo da capital. Ao longo da bella avenida de entrada, orlada de cadeiras, viam-se as mais formosas damas e as familias distinctas da cidade; as creanças brincavam numerosas pelas ruas do parque, tocavam as musicas; o camelo, as cabrinhas e os bonitos *poneys* transportavam pessoas e creanças; de tempos a tempos havia ascensões aerostaticas.

Lobo (*Lupus vulgaris*)

Infelizmente uma crise desanimadora sobreveiu apesar da protecção official que por esse tempo começou a favorecer a nascente instituição. Acabou o encanto da novidade, a affluencia decresceu; as receitas que tinham chegado a 18 contos de réis por anno baixaram consideravelmente e despontou o terrivel *deficit* nas finanças da benemerita instituição. Coincidiu com este periodo calamitoso o fallecimento da dona do parque e a notificação feita ao Jardim, pelo cabeça de casal, sr. Carlos Eugenio de Almeida, de não estar resolvido a continuar a generosa e intelligente concessão que sua mãe fizera do parque para aquelle fim de tamanha utilidade publica.

Ia quasi sossobrando o instituto tão querido do povo de Lisboa. Teve um salvador energico, o director Duarte Cabral Fava, que transportou as collecções para os terrenos de Palhavã, ao norte do parque de onde haviam sido violentamente expulsas, e ali o engenheiro sr. Mendes Guerreiro traçou um novo parque e collocou as edificações do antigo jardim.

Foi grande a faina. O sitio era agreste, sem vegetação, sem sombras, exposto em todos os recantos ao sol ardente do estio, e de inverno tornado em lamaçaes inevitaveis. A energica boa vontade dos directores conseguiu muito: do choupal do Mondego deu o governo 7:500 arvores para o novo parque; a camara em 1893 elevou o subsidio, que até então dava de 1:800$000 réis por anno, a 6 contos, attendendo á reconhecida utilidade publica e bons serviços prestados aos estudos zoologicos pelo Jardim; o ministerio da guerra já concedera as bandas militares; o das obras publicas abonára a agua precisa para o consumo; o da fazenda permittiu a isenção do sello nos bilhetes de entrada, como mais tarde o dispensou de direitos de contribuição industrial; a Empreza Nacional de Navegação promptificava-se havia annos ao transporte gratuito dos exemplares numerosos que governadores e outras pessoas

A jaula dos ursos: «Antonia» *Ursus arctos* — «Domingos»

O pavilhão dos macacos: Macacos vulgares (*Cercopithecus callitrichus sabaeus*)

das nossas possessões ultramarinas continuamente enviavam.

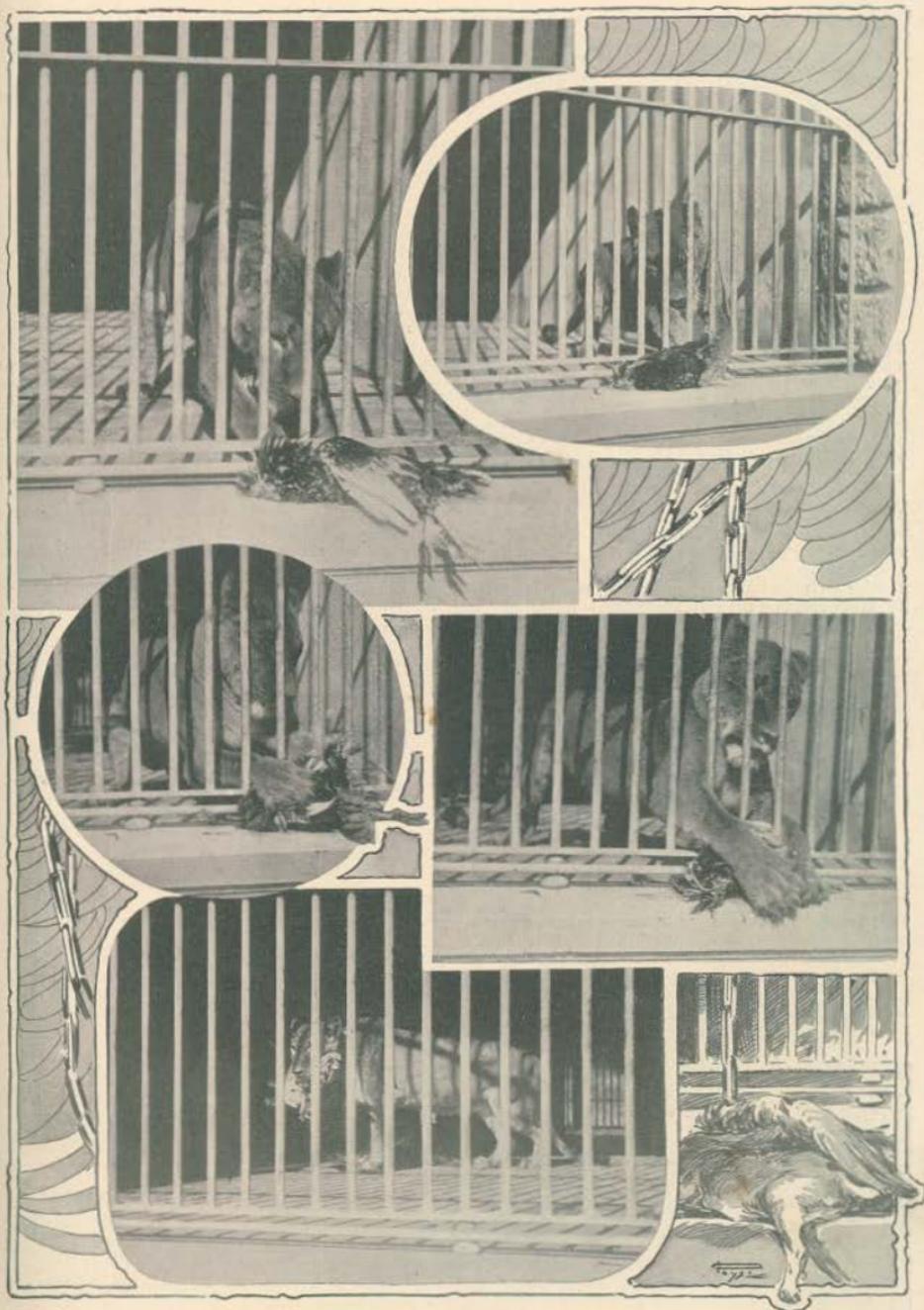
A imprensa levantou-se a favor d'aquella utilissima escola pratica de zoologia e de zootechnia, onde muito aprende o povo pela observação directa, e da qual o museu e as escolas recebem abundantes exemplares de estudo, dos animaes que morrem no Jardim. Os collegios e institutos de beneficencia teem ali por entrada gratuita ou meios preços diversões utilissimas de instrucção e recreio.

Maudr l (*Cynocephalus maimon*)

Abriu o novo parque em 13 de maio de 1894, e n'esse anno se effectuaram ascensões aerostaticas, que chamam sempre grande concorrencia. Para este novo genero de diversões fez a direcção um contracto com o aeronauta francez Eugenio Godard.

Continuava a difficultar-lhe o accesso a falta de conducções, mal remediada pelo defeituoso e pouco duradouro elevador de S. Sebastião. Muito se pensava em tranferir o Jardim, mas não apparecia sitio que offerecesse garantias de permanencia definitiva, senão o remoto projecto do Parque da Liberdade, ao fim da Avenida, onde o municipio poderia alojar com vantagem a collecção zoologica. Por fim, graças ás diligencias aturadas e incançavel dedicação do sr. dr. Abranches Bizarro, obteve o Jardim a concessão em condições seguras e favoraveis da historica e formosissima Quinta das Laranjeiras, celebre pelas faustosas festas que ali promovera o seu antigo proprietario o conde de Farrobo.

Mercê de muitas e generosas facilidades concedidas pelo

«Bobá e Joanna» Papiões (*Cynocephalus anubis*)

A refeição de uma leôa
«A Carlota»—Leôa do Senegal «Felis leo» [nascida no Jardim]

Camelo dromedario «Camelus dromedarius» [das Canarias]

actual proprietario do sumptuoso parque, o sr. conde de Burnay, e com a pertinacia e louvaveis diligencias do sr. dr. Bizarro, que foi sem duvida o segundo salvador do Jardim Zoologico de Lisboa, abriu-se ao publico em 28 de maio de 1905, no dia do 21.º anniversario da sua inauguração.

Este facto foi um grande acontecimento para a cidade, como o fôra a sua abertura em S. Sebastião. N'aquella magnifica vivenda, onde o bom gosto e grandeza do conde de Farrobo reunira na primeira metade do seculo XIX tudo quanto havia de selecto e illustre na sociedade portugueza; onde os reis, embaixadores, artistas, todas as celebridades das lettras e das artes, todas as mais formosas cantoras e damas da primeira sociedade perpassavam em vistoso prestito por entre as fardas de velludo agaloadas da creadagem, á luz dos primeiros bicos de gaz que arderam em Lisboa, e das phantasticas illuminações venezianas dos jardins, ali mesmo n'aquelle recinto famoso, a que o conde puzera por divisa a *Otia tuta* de Horacio—*logar de tranquillo e seguro repouso*—e onde entre mil outras distracções de opulencia havia os encantadores viveiros de aves exoticas e as jaulas dos grandes felinos, veiu por fim a estabelecer-se o Jardim Zoologico de Lisboa.

Urso pardo «Ursus arctos»

Tapiro ou anta «Tapirus americanus»

*

Penetremos no magnificente parque, que Oliveira Martins tão leviana como impropriamente apodou de *eden de merceeiro rico*. Nada d'isso tinha o opulento e intelligente fidalgo, cuja rasgada iniciativa em todos os ramos da actividade e do progresso da sociedade portugueza do seu tempo, alliada ao mais puro gosto artistico, sobreleva de uma maneira esmagadora á feição orgiaca e devassa, sob a qual exclusivamente o teem pretendido pintar ao publico de nossos dias. Levantaram já a luva contra esta injusta apreciação do homem a quem Lisboa e o paiz tantos e tão relevantes serviços devem, os srs. visconde de Castilho e Pinto de Carvalho (Tinop), dois nomes que nunca pódem deixar de ser chamados a capitulo quando se trata d'estes assumptos da Lisboa de outros tempos.

Não falemos agora dos seus encantados retiros, da grandiosa porta de entrada, da avenida principal com seu obelisco, do lago com a ponte pensil, do largo e jardim das estufas, do ridente caramanchão occulto entre verduras, retiro poetico de reconditos idyllios, nem das aleas sombrias cobertas de cedros e de outras frondosas arvores! Algumas vistas photographicas e a visita ao parque, darão idéa mais segura do que as pallidas descripções que se poderiam fazer de tantas bellezas e encantos.

Javali ou Javardo [nascido no Jardim]

Crocodilo do rio Bengo [Africa occidental]

Mono barrigudo «Lagothrix Humboldtii»

Por entre os pittorescos accidentes do opulento parque gisou o sr. Mendes Guerreiro, egualmente dedicado e zeloso, a collocação mais adequada das installações, em que se domiciliou de novo (e oxalá que o fosse definitivamente) toda a população zoologica que hoje vamos encontrar na Quinta das Laranjeiras.

Os jardins zoologicos não são meramente passeios recreativos; destinam-se a exercer uma acção educativa não só de ensino popular, como tambem de experimentação aos sabios da especialidade, para os problemas importantes da acclimação das especies e dos seus cruzamentos.

Veado da ilha Mauricia

Attrahem geralmente as maiores attenções do publico os grandes mammiferos, as feras temiveis, ou os grandes auxiliares do homem: os felinos perigosos, os ursos, o elephante, o camelo, os bois, as antas, etc. Por isso a elles nos dirigiremos primeiro.

Quatro camelidas tem havido no Jardim, fazendo as delicias da creançada, que se transporta no dorso elevadissimo dos pacificos animaes, rindo perdidamente dos solavancos sacudidos, quando elles apressam o passo. Dois eram camelos propriamente ditos, ou de duas corcovas, e dois de uma só corcova, ou dromedarios. Um que viera de Marrocos em 1904 morreu. O estado de revolta d'aquelle paiz impediu o embarque de outro exemplar. Foi necessario procurar um nas Canarias, d'onde veiu o actual, superior ao de Marrocos, como exemplar zoologico, mas um pouco rebelde ao serviço de transportes.

Falta sensivel é a do elephante. Apenas alguns dias figurou um, extranho ao jardim, nas ruas do antigo parque de S. Sebastião, com o seu cornaca. E' ainda grande o commercio de Ceylão, em exportar elephantes para a Europa, apesar do elevado imposto lançado pelo governo, receioso da extincção da especie. Em 1864-65 sairam d'aquella ilha 260 a 270 elephantes, e em 1903 venderam-se apenas 8 pelo custo total de tres contos de réis.

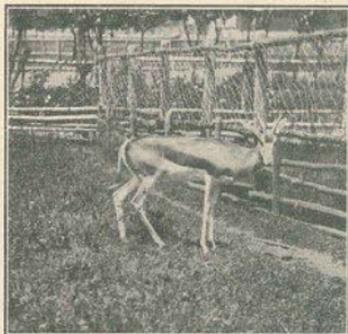
Antilope de leque «Antilope euchore»

Um exemplar muito interessante é a zebra, vinda do sul de Africa, onde se trata activamente da reproducção da zebra domesticavel, de valioso aproveitamento para cavallaria e para transportes, visto que o gado europeu mal resiste nas possessões portuguezas e inglezas do sul do continente africano. Este formoso exemplar foi offerecido pelo actual director sr. dr. Ramada Curto, o offerente que mais tem enriquecidoa collecção zoologica do Jardim.

Outro exemplar de muito valor é a *anta* ou *tapir americano*, vulgar no Brazil e que se encontra espalhada em extensa area por quasi toda a America do Sul. Este pachyderme, cuja carne é estimada e cuja pelle tem applicações industriaes, foi offerecido pelo sr. Dias Bastos: é o terceiro exemplar da especie que o Jardim tem possuido, e muito mais corpulento que os dois primeiros que figuraram excitando a curiosidade do publico nos antigos parques.

Zebra «Equus Zebra»

O leão, geralmente designado como o *rei dos animaes*, acha-se ao presente mal representado no Jardim. Do bello trio que ali existia primitivamente vingaram muitos filhos, dos quaes o primeiro, o leão *Gambetta*, veiu a fallecer em 1890. O Jardim chegou a ter em exposição uns vinte leões. De outro casal nunca vingou a prole. A mãe devorava os filhos logo depois de nascidos, e alguns que escapavam a esta voracidade ferina morriam mezes depois por doença. Hoje apenas existe esta leôa viuva, unico exemplar por onde o publico póde formar idéa dos terriveis felinos, aos quaes arrojados caçadores em Africa fazem as mais perigosas das caçadas, em que não raro eximios e praticos atiradores pagam com a vida a sua temeridade. Ficou lendario o arrojado Julio Gérard, mas ainda não ha um anno, na Gozongoza, outro caçador da mesma nacionalidade, Luiz Assomat, teve ensejo de matar a tiro, uns a seguir aos outros, seis leões, porém com tanta infelicidade que o ultimo, mal ferido, caindo sobre o atirador lhe dilace-

rou os braços deixando-o quasi morto.

Ao lado da leôa estão os ursos pardos, as hyenas e a panthera. Houve tambem ursos pretos, e outros dois ursos pardos que deram ao Jardim a triste celebridade de um drama emocionante. Um dia, no parque de S. Sebastião, o tratador dos ursos, procedendo á limpeza, entrou desacompanhado na jaula, sem previamente ter recolhido os ursos na jaula falsa, e foi colhido de sobresalto pela fera. Prostrado o tratador, o urso saiu e passeou livremente pelo parque até que feito o cerco, com tropa de linha, foi espingardeado, depois de ter posto em sobresalto a cidade inteira.

Avestruz «Struthio camelus»

A despeito do extremo cuidado dos tratadores e fiscaes, ainda ha pouco, por occasião da transferencia das feras para a quinta das Aguas Boas, o leopardo, que então existia, achou meio de se encolher como um gato e passar atravez dos varões, saltando e correndo até á quinta das Laranjeiras; alli foi acoutar-se n'um cannavial, de onde após prolongado sitio o desalojaram a tiro, cahindo a féra, mal ferida, rugidora e fremente sobre o soldado que a ferira e que ficou em misero e perigoso estado, sendo então o leopardo morto por um popular, o serralheiro Augusto Antonio, que lhe espetou uma forquilha no pescoço.

Arara encarnada «Macrocercus aracanga»

Perto está a panthera, de nome a Sultana, que o commissario de marinha sr. Alfredo da Fonseca offereceu. Nascido em Cacondo em 1903, este animal foi creado a *biberon* pelo francez Mr. Pierre Puvel, que o teve até aos 18 mezes, offerecendo-o então ao nosso compatriota pelo Natal de 1904. Foi mais um caso de domesticação já por muitas vezes tentada do leopardo africano. A féra emquanto nova tornou-se mansa como um gato europeu. Não mordia nos brancos e apenas embirrava com pretos mal vestidos. D'este estado de domesticidade ainda hoje manifesta vestigios, mostrando-se sensivel aos affagos que lhe fazem atravez das grades. Come diariamente dois a tres kilos de carne ou duas gallinhas, que prefere vivas.

Jaboty

Estes casos de domesticação não são raros. É facil observal-os no famoso parque zoologico que mantém em Hamburgo o conhecido negociante de feras Hagenbeck, verdadeiro mercado onde se abastecem as collecções zoologicas de todo o mundo.

Longe nos levaria o exame das collecções e animaes do Jardim. Auxiliada pelos bons serviços do fiscal sr. Loureiro, que de ha muitos annos acompanha com zelosa, intelligente e proficua diligencia a organização do benemerito instituto, vae a direcção, sempre solicita, publicar a planta geral do parque com a indicação das accommodações e installações diversas que n'elle se contém, planta feita pelo sr. Mendes Guerreiro, e da qual damos a reproducção. Assim se vae supprindo a falta ainda não preenchida de um guia geral, pratico e popular, pelo qual o publico possa avaliar bem as preciosidades zoologicas do Jardim.

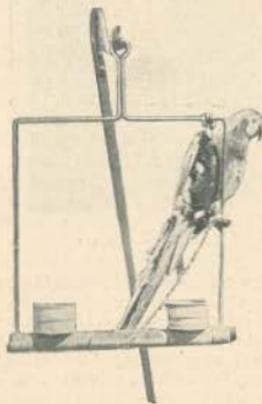
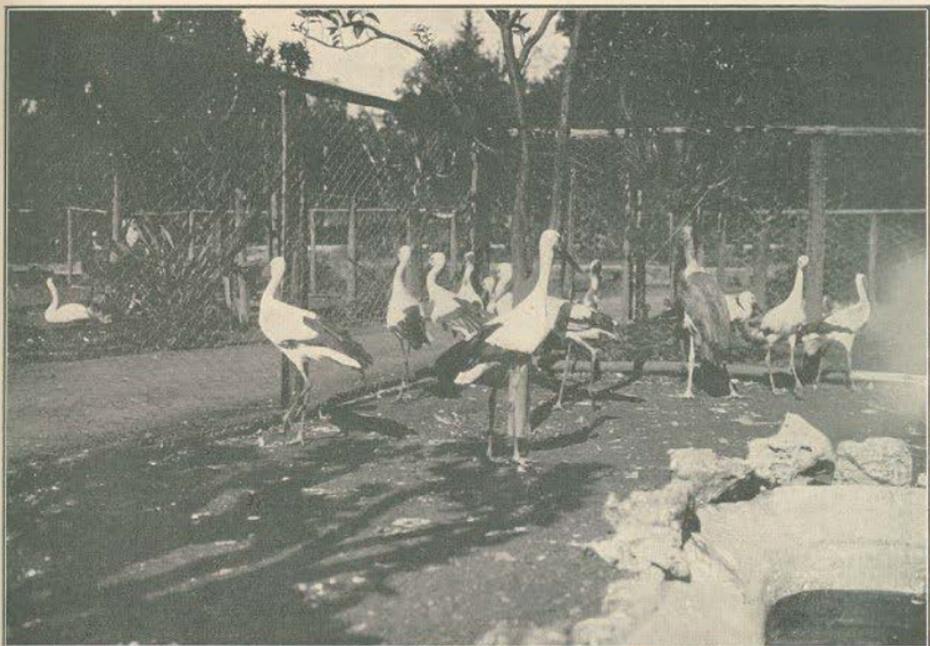
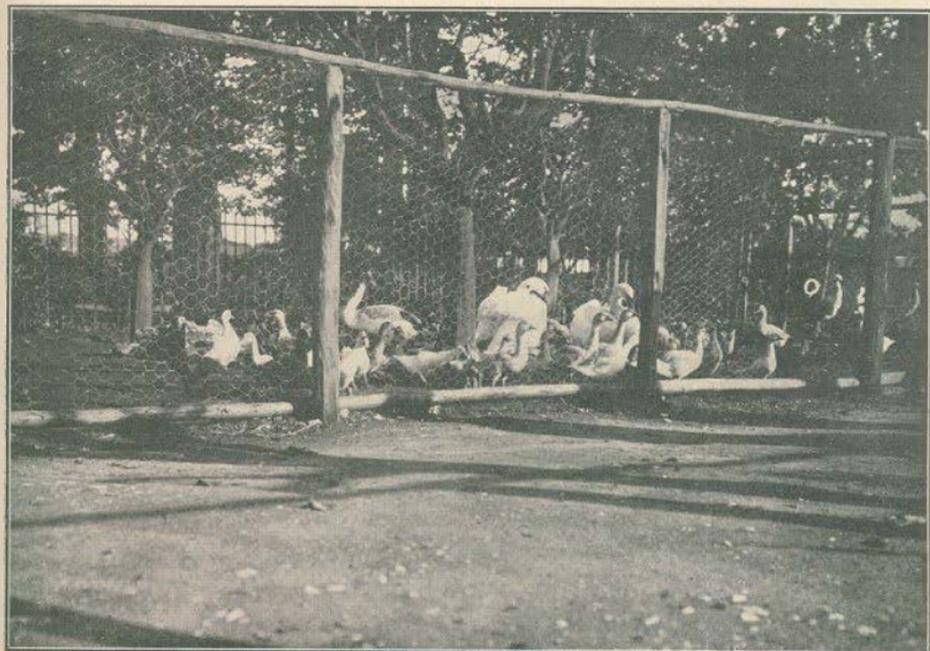
O aviario, ou collecção ornithologica é riquissima, desde a pacifica rola e os passaros de gaiola, até ás aves trepadoras — arâras, catatúas e papagaios, aos gansos e cysnes, aos patos e coraes, ás gangas, iris, marabús, cegonhas e aos rapaces perigosos — aguias, abutres, milhanos, pica-ossos, etc.

Marabú «Leptoptilos crumenifer»

E além das numerosas variedades de faisões, pombos e gallinhas, uma outra serie de installações attrae a curiosidade do publico: — as gaiolas dos quadrumanos, ricas em especies corpulentas e pequenas, entre as quaes se contam o mandril, os cercopithecos, (Dianas e outros diademas), os fidalguinhos, etc. N'este grupo tornam-se dignos de especial reparo, pela sua mansidão e agilidade de verdadeiros acrobatas, os dois exemplares (femeas) de *Barrigudos* do Brazil.

De muitas especies zoologicas se tem obtido a reproducção no Jardim. Reproduziram-se o leão, o leopardo, o urso, o lobo, o ginete, os veados, o porco espinho, os *cebus*, os *babuinos*, os *ibis*, os cysnes, os gamos, os javalis, as rapozas, os manguços, a lebre dourada de notavel viveza e agilidade, e as curiosas *bécuas* africanas, que, segundo dizem os viajantes, em numerosas matilhas atacam o forte leão das selvas.

Os cruzamentos teem sido egualmente promovidos, principalmente os das especies ornithologicas.

Alguns exemplares teem attingido grande e não vulgar longevidade, como *chimpanzés* que chegaram a viver 8 annos e os *fidalguinhos* que existem desde a fundação do Jardim. Este fa

A gaiola das cegonhas

As gaiolas dos gansos e dos cisnes

cto é digno de nota, porque depõe em favor das excellentes condições climatologicas em que ali vivem estes melindrosos animaes.

Os ursos são tambem da primitiva collecção, e alguns exemplares, como o gato tigre, o leopardo, etc., teem vivido 16 e 18 annos nas jaulas.

O numero de ovos que o Jardim vende e incuba é relativamente importante.

Gansos e patos

Não é facil no curto espaço d'um artigo referir o muito que haveria a dizer sobre os variados e curiosos specimens da collecção, cujo numero ascende a mais de 1:500 exemplares, sendo: 350 mammiferos, perto de 900 aves e 65 reptis.

Não deixaremos porém de citar ainda os bellos *zeus* ou bois da India offerecidos em 1899 pela guarnição do transporte *India*, e que infelizmente morreram; os porcos-espinhos que vivem ali com a prole, nascida na jaula; as hyenas malhadas, uma d'ellas offerecida em 1900 pelo sr. Gomes de Sousa, a quem o Jardim deve relevantes favores, e que depois do sr. Ramada Curto é quem maior numero de exemplares tem offerecido, ao passo que presta aos estudos zoologicos e meteorologicos importantes serviços, mantendo até em Loanda uma riquissima collecção de animaes vivos; o mufflão, offerta de S. M. a Rainha; a *abetarda* grande (que ha pouco morreu), offerecida pelo sr. Telles Guedes; e, finalmente, o pequeno crocodilo que se admira na estufa grande, a par da caixa envidraçada onde está a terrivel vibora surucúcú, do Cazengo, um dos mais venenosos ophidios, cuja mordedura é fatal.

Ponhamos ponto na digressão zoologica, que deverá fazer-se de preferencia, pelo meio dia, hora a que os tratadores, recebendo as refeições no dispensatorio, vão pelas installações distribuil-as aos animaes reclusos. Então poderá o visitante estudioso observar mil manifestações interessantes da intelligencia das diversas especies. Umas saúdam-os com gritos, outras acariciam-os como a bons amigos, outras dão demonstrações variadas de estima e satisfação; algumas como as catatúas e aráras respondem ás perguntas dos curiosos dizendo o seu proprio nome,

«Maneca», magnifico exemplar de chimpanzé, morto no Jardim Zoologico de Lisboa e pelo qual o Jardim Zoologico de Chicago offerecera 4:000$000 réis

«Joanna», a celebre chimpanzé pertencente ao dr. May Figueira, que em 1891 foi alugada para Chicago por 200 libras e depois vendida por 4:000$000 réis

«Felisberta», chimpanzé do Jardim Zoologico de Lisboa, vendida para a America por 1:300$000

A entrada do Jardim Zoologico de Lisboa, installado na quinta das Larangeiras

A ponte-pensil mandada construir no parque das Laranjeiras pelo conde de Farrobo

muito claro e explicito—*ará-ra, ca-ca-[illegible]*, e os corvos gritam *ó Vicente* e pedem *um pataco*.

Visite-se este parque por todos motivos notavel: já pelas tradições historicas que o tornaram celebre ha quasi um seculo, já pelas bellezas da sua construcção e delineamento dos jardins, já pelas encantadoras sombras de magnificos arvoredos, pela sumptuosidade das aleas e das estufas; notavel tanto pela sua extensão, que attinge perto de dez hectares, como pela perspectiva da matta que fórma a quinta das Aguas Boas, no alto da qual se projecta um *belveder*; quer finalmente pelo interesse da já valiosa collecção de especies zoologicas que o povoam, e perante as quaes o publico aprenderá a conhecer animaes exoticos, que nunca teria ensejo de vêr, e mesmo grande numero de especies indigenas, cujo exame é difficilimo, e que, enclausuradas, se pódem admirar na sua belleza e nos seus costumes, por vezes encantadores e maravilhosos.

VICTOR RIBEIRO.

O antigo leão do Jardim da Estrella
(Aguarella do album Cifka)

NOVO DIAMANTE AMERICANO

Rua de Santa Justa, 96 (junto ao elevador)

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anneis e alfinetes a 500 réis, broches a 800 réis, brincos a 1$000 réis o par. Lindos collares de perolas a 1$000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei. Não confundir a nossa casa.

Automobili-Isotta Fraschini

Os mais solidos, simples e economicos e os que melhor sobem

Central Garage

F. S. MARTINHO & C.ª

Accessorios e officinas de reparações

Rua da Escola Polytechnica, 225, 227, 229 e 231

LISBOA

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa, Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancia, phrenologia e physiognomonia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambroze e d'Arpentigney.

Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathegoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manha as 11 da noite, em seu gabinete, 43, Rua do Carmo, sobre-loja. Consultas a 1$000, 2$500 e 5$000 réis.

O PIPERINOL

Preparado para dar côr e brilho em moveis, soalhos e lambris, 9ᵐ quadrados de soalho por 550 réis!!! que é o preço de cada litro, não tem cheiro algum, substitue todos os antigos preparados d'agua-raz. «**O PIPERINOL**» (INCOLOR) para dar brilho em parquets, moveis e mais ornamentações em madeiras claras, etc., não lhe alterando a côr, substituindo a cêra e agua-raz *sem cheiro algum*. Applicação facil e rapida. 1 litro para cada 10ᵐ quadrados. Instrucções e amostras no deposito unico, **Rua de Buenos Ayres, 35. GIL DIAS D'ASSUMPÇAO.**

CASA ESPECIAL DE CAFÉ DO BRAZIL

A. Telles & C.ª

Rua Garrett, 120 (Chiado), LISBOA—Rua Sá da Bandeira, 71, PORTO

TELEPHONE N.º 1:438

PEÇAM EM TODA A PARTE

Aguas mineraes do Monte Banzão — COLLARES

Aguas mineraes do Monte Banzão — COLLARES

R. Arco Bandeira, 216, 2.º

LISBOA

NESTLÉ

FARINHA LACTEA

32 medalhas de ouro incluindo a conferida na Exposição Agricola de Lisboa

Preço 400 réis

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã) Valle Maior (Albergaria a Velha)

Installadas para uma producção annual de cinco milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encommendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fórma.

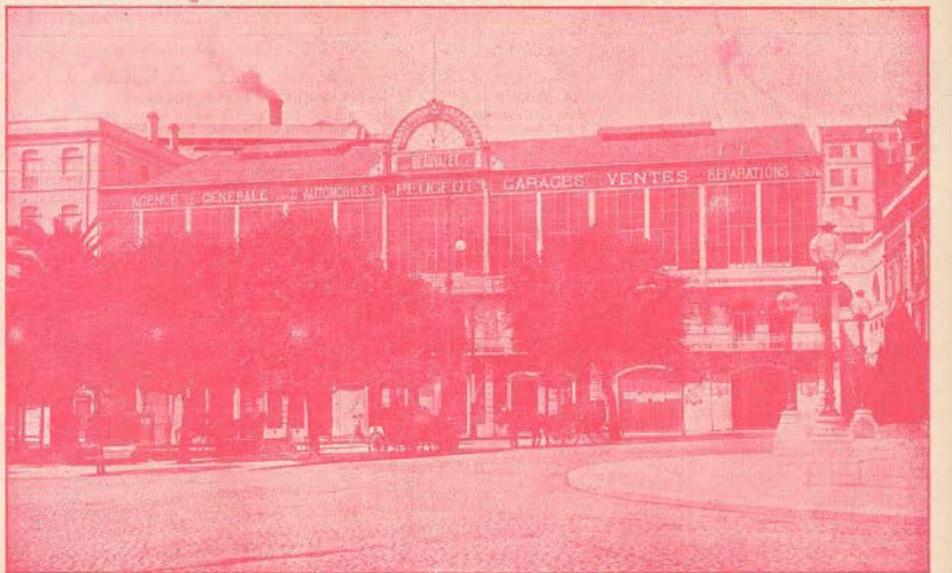
ESCRIPTORIOS E DEPOSITOS

LISBOA — 270, Rua da Princeza, 276

PORTO — 49, Rua de Passos Manuel, 51

Endereços telegraphicos: LISBOA, COMPANHIA PRADO.

PORTO — PRADO — Lisboa: Numero telephonico 308.

A mais importante casa de automoveís em Portugal

A. BEAUVALET & C.TA

Representante de PEUGEOT a mais afamada marca de automoveis — Praça dos Restauradores, Lisboa

Bicyclettes

A casa «Simplex», a que mais barato vende, acaba de receber de Inglaterra um completo sortimento de bicyclettes e accessorios que se vendem a preços sem competencia. Bicyclettes «Simplex», «B. S. A.» e Linon. Recebeu-se nova remessa da nova marca de bicyclettes «Imperial», ultimamente adquirida por esta casa e que tão lisongeiro acolhimento tem tido devido não só á sua elegancia e boa qualidade de fabrico e de todos os accessorios como bem esmaltada e de quadro tracejado que se vendem a preços sem competencia. Grande sortimento de protectores inglezes, buzinas, lanternas, correntes, etc., etc. Já está em distribuição o novo catalogo de 1606-1907. Descontos para revender. **J. Castello Branco**, rua do Soccorro, 48, e rua de Santo Antão, 32 e 34—Lisboa.

Instrumentos de corda

Guitarras, bandolins, violas e accessorios para os mesmos, envia catalogos gratis para fóra. **AUGUSTO VIEIRA**, R. de Santo Antão, 4.—Lisboa.

LICOR VEGETAL

O melhor remedio e purificador de todas as molestias provenientes da impureza do sangue

PREÇO

1 frasco. 1$000 réis
7 frascos 6$000 réis

Para provincia PORTE GRATIS

Todos os pedidos devem ser feitos assim:

PHARMACIA BRAZILEIRA

15, L. de S. Domingos, 15-A

Sedativo Beirão

Anti-dysmenorrheico

E' o mais adequado e soberano medicamento para todos os soffrimentos que precedem ou acompanham as menstruações irregulares (dysmenorrhea). Cura ou allivia as colicas uterinas e dos ovarios, as dôres reflexas muito violentas na cabeça, estomago, ventre e quadris; vertigens, spasmos, convulsões, ataques nervosos, hystericos e outros; nauseas, vomitos, diarrhea: abate a elevação do ventre por accumulação de gazes, a turgidez das veias das pernas e das hemorrhoidarias que muito complicam as menstruações irregulares. O SEDATIVO «BEIRÃO» actua com especialidade sobre o utero, orgãos annexos e dependentes, dá-lhes energia muscular, regularisa as suas funcções e é muito efficaz na atonia dos ovarios e na debilidade ou fraqueza do utero. E' indispensavel na amenorrhea accidental ou suspensão subita das regras por effeito de resfriamentos, emoções ou sustos. O SEDATIVO «BEIRÃO» contém propriedades tonicas, adstringentes e antisepticas, muito efficazes para debellar o fluxo branco-utero vaginal (leucorrhea).

O SEDATIVO «BEIRÃO» é de grande valor terapeutico na menopausa ou cessação final das regras. Elle tonifica as fibras musculares do estomago e intestinos, assegura o regular movimento peristaltico e antiperistaltico d'estas visceras que, quando invertido, é origem e sustentaculo de graves perturbações gastro-intestinaes; diminue a pressão sanguinea, estabelece o equilibrio da circulação e consequentemente melhora os perigos da superabundancia de sangue e de outras molestias que sobrevêem pela cessação final dos menstruos n'esta mudança da vida da mulher. O SEDATIVO «BEIRÃO» não é contra indicado nas molestias uterinas e dos ovarios que dependem de lesões d'aquelles orgãos ou de intervenção cirurgica.

Depositos auctorisados: em Portugal, **Pharmacia Liberal, Avenida da Liberdade, 167, Lisboa — Pharmacia do Padrão: Rua Formosa, 40, Porto — Inglaterra e colonias: Mr. J. Wyman—Export Droggiste: 58 e 59, Bunhill Row London, E. C.**